

**RESENHA**



PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva.**  
Trad. Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

Alexandre Leidens\*

Fabiano Tadeu Grazioli\*\*

\*Mestrando em Letras no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Campus de Pato Branco (UTFPR). Licenciado em Letras (Habilitação em Língua Portuguesa) pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI Erechim. Orientador de atividades: Letramento, no SESC de Francisco Beltrão. E-mail: leidens.ale@gmail.com

\*\*Doutorando em Letras na Universidade de Passo Fundo (UPF). Mestre em Letras pela mesma universidade. Professor do Departamento de Linguística, Letras e Artes da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI Erechim e da Faculdade Anglicana de Erechim/RS. E-mail: tadeugraz@yahoo.com.br

Data do recebimento: 23/08/2017 - Data do aceite: 05/09/2017

Michèle Petit é antropóloga e desenvolve pesquisas relacionadas à leitura no *Centre National de la Recherche Scientifique*, na França, há mais de 20 anos. É coordenadora de um programa internacional que focaliza a leitura em espaços de crise, seja em um âmbito de deterioração econômica ou migrações forçadas, seja em uma realidade de violência social ou guerra. Inicialmente, nos estudos constitutivos da obra resenhada, interessou-se pelo desenvolvimento da leitura nas zonas rurais francesas. Ganhando uma amplitude maior, sua pesquisa chegou às comunidades e bairros marginalizados das grandes cidades da França, onde busca saber qual a relação das bibliotecas públicas, localizadas em tais comunidades, com os processos de exclusão

e segregação lá ocorridos. Essa pesquisa, baseada em relatos orais de jovens leitores, entre 15 e 30 anos, e apresentada na forma de palestras, no México, originou o livro *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. A obra recebeu, em 2009, o Selo de “Altamente Recomendável”, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), atestando não só a sua pertinência, mas também a necessidade de uma maior profusão de suas reflexões e análises para a discussão e debate da leitura também em outras realidades, como a do Brasil.

A autora apresenta reflexões bastante pontuais sobre vários aspectos que influenciam a leitura, sobretudo a leitura literária na vida de moradores de um meio rural ou

marginalizado, nos quais os livros são, muitas vezes, repudiados. A obra é dividida em quatro capítulos, nos quais Petit apresenta uma visão abrangente do contexto envolvido tanto no campo, quanto na cidade, utilizando vários relatos de leitores entrevistados, que corroboram a discussão.

O primeiro capítulo do livro descreve duas vertentes da leitura. Baseando-se em pesquisas anteriores, a obra apresenta dados que revelam que a leitura silenciosa, introspectiva, solitária, é relativamente recente nos meios rurais franceses. Essa prática, aparentemente, foi posterior à leitura coletiva realizada em família, durante o catecismo ou em internatos. Fase essa que é, segundo a autora, característica da época em que havia uma grande manipulação e um controle rigoroso dos textos escritos, de modo que os livros, os textos e a escrita demonstrassem domínio, superioridade e poder. Sobre isso, ainda, a mesma lembra que “manipular a escrita permite aumentar o prestígio junto a seus semelhantes.” (PETIT, 2008, p. 25). De outro modo, a pesquisadora menciona que por mais que haja esforços para manter a manipulação sobre os demais a partir da escrita, assim que as pessoas fizerem a leitura, indubitavelmente, se apropriarão dos textos, dando-os outro significado, mudando seu sentido, interpretando-os de outras formas. Dessa forma, a leitura passa a ser uma afirmação de singularidade, podendo servir, também, como uma fuga do tempo e do espaço em que o leitor se encontra. A autora aborda, assim, uma perspectiva de leitura como independência do ser humano, como autonomia, como construção de si mesmo, de modo que “mesmo que a leitura não faça de nós escritores, ela pode, por um mecanismo parecido, nos tornar mais aptos a enunciar nossas próprias palavras, nosso próprio texto, e a ser mais autores de nossas vidas.” (PETIT, 2008, p. 37). Em seguida, Petit desenvolve algumas reflexões como o

sentimento de pertencimento e de isolamento que a literatura é capaz de causar, principalmente aos imigrantes que vivem segregados em bairros afastados dos centros das grandes cidades francesas, e fecha o capítulo discorrendo sobre as novas perspectivas de vida desses jovens que, a partir do momento em que começaram a ler ou a frequentar uma biblioteca, conseguiram enxergar novos horizontes para suas vidas e sobre como professores e bibliotecários podem contribuir nessa jornada.

O segundo capítulo, intitulado *O que está em jogo na leitura hoje em dia*, inicia com alguns excertos de entrevistas que explicitam a visão da leitura por dois jovens imigrantes africanos que vivem na França, frequentam bibliotecas e concebem a leitura como a possibilidade de escolherem o próprio destino, poder fazer escolhas individuais, diferentes das dos demais em sua comunidade. Ancora-da nessas entrevistas e em outras, posteriores, Petit desenvolve uma análise da situação, afirmando que “muitas vezes o saber é considerado como a chave para se alcançar a dignidade e a liberdade. E a busca de sentido também não se encontra muito distante.” (2008, p. 65). Considerando, ainda, que o francês é uma segunda ou terceira língua para a maioria dos imigrantes entrevistados, a autora lembra ser a apropriação do francês uma dificuldade comum entre eles. Essa é uma preocupação nos meios rurais também, onde a prática desvolta da língua é um dos maiores objetivos da leitura. Nos dois casos, todavia, há a concordância de que a prática da cidadania requer um bom desempenho linguístico. Nessa perspectiva, Petit constata, ainda, que a leitura difere das outras práticas de lazer, pois propicia ao jovem uma identidade mais aberta, em evolução, não excludente. Além disso, o livro, para os sujeitos pesquisados, é mais importante do que a televisão ou outra mídia qualquer porque os permite sonhar, ver outras possibilidades,

realidades, experimentar outras experiências e emoções, permitindo que os imigrantes não se enxerguem como diferentes, excluídos, mas percebam a riqueza de sua diversidade cultural e valorizem-na.

No terceiro capítulo da obra, *O medo do livro*, a reflexão inicia com os problemas enfrentados por leitores em relação ao seu grupo social, sobretudo pelo distanciamento que a leitura necessita. Nesse espaço, a autora cita vários exemplos de preconceito sofrido por leitores, tanto nas cidades como no campo, afirmando que “muitos habitantes do campo mencionaram a difícil conquista de um espaço de leitura, um pouco clandestino: quantas recordações de leituras feitas à luz de uma lanterna, sob os lençóis, até mesmo à luz da lua!”. (PETIT, 2008, p. 107). A pesquisadora lembra, ainda, que os leitores, nesses meios, são vistos como trânsfugas, principalmente porque “podiam, dessa forma, sair de um modelo de vínculo social em que o grupo exercia um domínio sobre cada um. Era uma oportunidade de se dizer que poderiam ter uma opinião, em vez de ter sempre que se submeter aos outros”. (PETIT, 2008, p. 109-110). As próprias culturas de locais específicos como o Mali não aceitam a leitura. Neste país, o indivíduo que se isola com objetivos de ler ou escrever é chamado de “o mau”. Em consonância, a autora lembra que, muitas vezes, a leitura não é permitida pelos poderes constituídos, como os governos. Para comprovar isso, Petit cita algumas proibições aos livros, como a promovida por Pinochet no Chile dos anos 80, em que *D. Quixote* foi proibido por ser libertário e ir de encontro à autoridade constituída. Além desse caso, outros são lembrados, como as perseguições e mortes a escritores promovidas em países como o Egito, o Irã e a Turquia. Petit não termina o capítulo sem antes refletir sobre como todos se tornam leitores. Nesse meio, deve-se ressaltar que os sujeitos pesquisados, os leitores, os frequentadores assíduos de

bibliotecas são uma minoria. Embora suas histórias pessoais e como leitores sejam diversificadas, a autora constata que a influência seja em um professor, bibliotecário, amigo, parente ou contador de histórias é praticamente unânime.

No último capítulo da obra, intitulado *O papel do mediador*, a pesquisadora observa que, muitas vezes, há uma relação afetiva entre o mediador e o leitor. Alguns dos jovens leitores entrevistados relataram um fracasso escolar; todavia, estavam muito bem constituídos como leitores, pois com o apoio encontrado, sobretudo na biblioteca, muitos deles conseguiram mudar seu destino, enxergando novas perspectivas de vida e possibilidades para o futuro. Diferentemente da escola, lembrada muitas vezes com desdém, cujo sofrimento e a hostilidade ganham espaço, a biblioteca é um lugar afetuoso, cordial e singular. De modo diverso, a biblioteca pode ser usada com objetivos para escolares para muitas crianças e jovens; no entanto, não poucas são as que deixam essa utilidade do espaço para usufruírem, de fato, do acervo da biblioteca. Outrossim, outro aspecto que preocupa a autora é a passagem de um fase para a outra, seja da literatura infantil para a juvenil, seja da juvenil para a adulta ou na mudança de um estilo para outro. Esse é um momento delicado, pois é necessária uma grande sensibilidade do bibliotecário para que essa travessia seja realizada da forma mais natural possível. Para isso, a biblioteca precisa ter um acervo considerável. Sobre esse quesito, Petit frisa que em algumas bibliotecas essa transposição do leitor é impossível. Por fim, a obra é finalizada com alguns relatos dos entrevistados em que fica explícita “a confiança que depositaram nessa cultura e na biblioteca; a convicção de muitos deles de terem encontrado ali oportunidades para compensar um pouco as desvantagens que marcaram seu trajeto, para se abrir a outras possibilidades.” (PETIT, 2008, p. 189).

A pesquisa de Petit ressalta a relevância e a importância da leitura para jovens desfavorecidos, sobretudo por questões sociais e familiares, que encontraram outra perspectiva de vida a partir do momento em que começaram a ler. Não obstante, a autora não se detém apenas nos benefícios da leitura, ela faz uma análise rigorosa de uma cadeia de fatores que impedem ou desestimulam a mesma, apontando falhas,

incoerências e, por vezes, a ironia que aparece em alguns casos de pseudoincentivo à leitura. De fato, a leitura que a autora faz não só sobre a importância, mas também sobre a necessidade das bibliotecas e da leitura para o desenvolvimento cognitivo e afetivo dos sujeitos pesquisados é, sem dúvida, esclarecedora, suscitando inúmeras reflexões, seja para professores, pesquisadores ou bibliotecários.